

## ▣ Caminhos Abertos pela Guerra Grande (1865-1868)

Leonam Lauro Nunes da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Nesta comunicação reportamo-nos às rotas comerciais inauguradas durante a Guerra com o Paraguai, responsáveis em colocar em contato direto populações do oriente boliviano com os militares paraguaios estabelecidos em Corumbá, na Província de Mato Grosso. Esses caminhos emergem como protagonistas da história, fomentando muitas das análises e reflexões. A atmosfera que envolveu os trabalhos logísticos proporciona vida a personagens que, outrora, dispunham de escasso espaço no palco do conflito, tais como índios, empresários, comerciantes e políticos, cujo âmbito de atuação era local. Intentamos ainda valorizar as sociedades originárias, indígenas, inserindo-as no processo de uma construção identitária latino-americana.

**Abstract:** In this communication comes about to trade routes opened during the war with Paraguay, in putting people in direct contact with the East Bolivian military Paraguayan established in Corumbá, in the Province of Mato Grosso. These paths appear as protagonists of history, encouraging many of analysis and reflection. The atmosphere that provides logistical work involved the lives of characters who, once, had little space on the stage of conflict, such as Indians, businessmen, traders and politicians, whose scope of action was local. Brought still valuing the company originating, indigenous, inserting them in the process of building a Latin American identity.

keywords: Borders, Paths, War.

Era janeiro de 1865, quando forças paraguaias comandadas pelo Coronel Vicente Barrios (? -1868), compostas por um efetivo de sete mil e quinhentos homens, por terra e água, ocuparam o sul da Província de Mato-Grosso, tomando o porto de Corumbá - população situada à margem direita do Rio Paraguai -, estabeleceu-se ali um comando militar. Modificava-se, assim, o cenário fronteiriço com a inclusão de novos atores, protagonistas de um excepcional relacionamento, que se desenvolveu durante a “Guerra Grande”, entre 1865 e 1868.

Fundada em 1778, pelos portugueses, Corumbá sempre exerceu uma função geopolítica importante. Tida como a “cidade fortificada”, tem no forte Coimbra, construído em 1775, um guardião, cuja principal missão era a de resguardá-la contra possíveis ataques inimigos, ocupando lugar estratégico na tríplice fronteira (Brasil, Paraguai e Bolívia)<sup>2</sup>. A região onde se estabeleceu a população é circundada em boa medida pelo Rio Paraguai e por

---

1 Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato-Grosso. Professor de Ensino, Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFMT), Campus Pontes e Lacerda.

2 Guardiã que quase um século depois não se mostrou tão eficiente, haja vista a facilidade encontrada pelos paraguaios que, com poucos esforços, transpuseram a fortaleza e ocuparam Corumbá.

seus braços. Conta também com uma toponímia que tem nas íngremes morrarias um traço marcante, de onde é possível contemplar todo o cenário que a abriga. A oeste faz fronteira com o território boliviano e ao sul as águas do mencionando rio seguem seu trajeto rumo ao Paraguai, até encontrarem a “Madre de Las Ciudades”, Assunção.

Normalmente, colocado em segundo plano pela historiografia nacional, o território mato-grossense testemunhou ações que repercutiram, indubitavelmente, no transcurso da contenda militar. Vale destacar a respeito da grande quantidade de carne verde (fresca), oriunda dos vastos rebanhos de gado *vacum* pertencentes às confiscadas propriedades brasileiras, consumida pelos militares da república guarani<sup>3</sup>. A carne atendeu também a população da capital paraguaia, Assunção. Em um interrogatório feito ao desertor paraguaio Benjamim Ferreira Flores, as autoridades da Província de Mato Grosso foram informadas que de uma só vez foram remetidas para Assunção nada mais nada menos do que quatorze mil cabeças de gado<sup>4</sup>. Para um país que testemunhava dia-a-dia seus recursos, tanto humanos quanto naturais, serem exauridos pela guerra, o produto era precioso e bem-vindo.

Francisco Solano López não estava fora de si ao colocar em prática seu projeto de ocupação. Engendrou tudo com enorme cuidado. Antes de a guerra eclodir, havia, inclusive, paraguaios vivendo na Província de Mato-Grosso, exercendo a função de espões<sup>5</sup>.

Foi possível constatar no transcurso da pesquisa, em manuscritos, a perplexidade e revolta das autoridades provinciais mato-grossenses com os relatos sobre o tratamento dispensado aos prisioneiros de guerra brasileiros pelos paraguaios. Diziam que era esse o pagamento dado à boa acolhida que os inimigos receberam enquanto estiveram na região, na realidade, colhendo informações que eram transmitidas ao comando militar paraguaio.

Situação esta que pode ser verificada em um ofício dirigido pelo Major Francisco Carlos Barros Deschamps ao Vice Presidente da Província, Dr. José Anastácio Murinho, no qual dava ciência a respeito da prisão de João Coxo, famoso paraguaio, alçoz dos habitantes fugitivos de Corumbá. Dentre outras considerações, revela preocupação com segurança do citado prisioneiro, receando que o mesmo pudesse ser objeto de retaliações por parte dos

---

3 CORREA, Lúcia Salsa. *Corumbá: Um Núcleo Comercial na Fronteira de Mato-Grosso*. 1980, 180 f. Dissertação (Mestrado em História)- Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

4 Informação colhida de documento avulso intitulado “Auto de perguntas feitas ao Paraguaio Benjamim Flores”, datado de 16 de agosto de 1866. Lata C – 1866. APMT.

5 Espionagem abordada com uso de farta documentação em: BARROS, Ruy Coelho de. *Guerra com o Paraguai: aspectos polêmicos*. Aprofundamento. 2007. 145 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2007, p. 55-58.

militares que o acompanhavam, uma vez que “tal monstro abusou da nossa hospitalidade quando viveo entrenós, neste e n’outros pontos da Província”<sup>6</sup>.

A estratégia de abrir duas frentes de batalha pode até ser objeto de avaliação e, por conseguinte, questionada. O que não se pode negar é que, em princípio, a tática empreendida corroborou para que os objetivos táticos de Lopez fossem alcançados. Tanto é verdade que, ao ocupar Corumbá e demais localidades adjacentes, praticamente, inviabilizou que fosse realizada pelo exército brasileiro uma contra-ofensiva pelo norte – apesar das tentativas, como no clássico episódio da *Retirada de Laguna*<sup>7</sup> -, ao manter a principal artéria do Pantanal matogrossense, o rio Paraguai, livre para as pretensões logísticas guarani. Rio, este, alvo da ambição de personagens que tiveram atuação destacada no teatro de operações, mesmo sem terem disparado um único tiro.

Em 1865, posteriormente à anexação de parte da Província de Mato-Grosso - espaço que ganhou *status* de “Província do Alto Paraguai”<sup>8</sup> -, o ministro de Guerra e Marinha paraguaio, General Vicente Barrios, despachou uma comissão de doze pessoas sob a direção do topógrafo francês Domingo Pomiés<sup>9</sup>, para explorar um caminho que conduziria até a povoação de “Santo Corazón” - última das missões jesuíticas espanholas, fundada em 1760, localizada na Província de Chiquitos e Moxos, Departamento de Santa Cruz de la Sierra, no oriente boliviano. Sobrepujando todos os obstáculos, bem-sucedida, a expedição se estendeu até a cidade de Santa Cruz, retornando à Corumbá, lugar de onde havia partido.

Em seu diário, Domingo Pomiés relata as adversidades enfrentadas pelos expedicionários na primeira incursão rumo à Santo Corazón:

Es demás anunciar las miserias y sufrimientos, que experimentamos los expedicionarios de Corumbá en su tránsito solo hasta este punto, apenas comparable com las miserias y sufrimientos que la historia cuenta de los colonizadores del siglo XVI. Baste decir que algunos días pasamos sin alimentos, y no poco son cogollos de palmeros, o miel silvestre; y seguramente habríamos perecido sin la misericordia del Señor no hubiera mandado a nuestras manos un tigre, una anta, dos jabalíes, doce venados, y muchas pacas, presas que en algunos parajes escaseaban, lo mesmo que lo miel, que es tan abundante en otros<sup>10</sup>.

---

6 Ofício nº. 16, datado de 20 de março de 1869. Documento localizado na Lata A – 1869. APMT.

7 TAUNAY, Alfredo D'Escragnolle de. *A Retirada da Laguna - episódio da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Ediouro, 1905.

8 Nomenclatura presente na obra do historiador: CORRÊA, Valmir Batista. *Corumbá: Terra de Lutas e de Sonhos*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006: pp.. 17-40.

9 Pomiés fixou residência em Santa Cruz de la Sierra, constituindo família, que se tornou tradicional na sociedade cruz-serrana.

10 JUSTINIANO, Oscar Tonelli. *El Peabirú Chiquitano*. Santa Cruz de la Sierra (Bolívia): Editora El País, 2007: pág. 132-133.

Boa parte do elenco de atores, protagonistas da trama analisada, se reportava à “Sociedad Progresista de Bolívia”, cuja sede estava em Santa Cruz de la Sierra. A pesquisa nos revela que o influente grupo de empresários e comerciantes cruz-serranos fomentou o comércio pelo caminho paraguaio-boliviano. Celebrado em maio de 1864, na localidade de San Rafael de Chiquitos, o contrato que regulamentou a referida sociedade capitalista dispôs sobre as responsabilidades dos sócios acionistas para com a empresa. Em sua composição original, a “Sociedad Progresista de Bolivia” possuía dentro de seus quadros cidadãos detentores de “lastro” financeiro para honrar a concessão dada pelo governo boliviano – então sob a gestão de José María Achá – para explorar caminhos em direção ao Rio Paraguai. A seguir, podemos observar as assinaturas dos audaciosos empreendedores, Antonio Victoriano Taboas (sócio majoritário), Nicolas Ramos, Rafael Gutierrez, Miguel Pelicena, Vicente Eguez, Geronimo Canido e José Flores.

**Imagem 1** - Assinaturas dos membros pioneiros da Sociedad Progresista de Bolivia<sup>11</sup>.



**Fonte:** ANA-SH, Vol. 446, Nº 1, Folha. 191.

O capitão paraguaio Francisco Bareiro, em comunicado expedido para o Ministro de Guerra e Marinha, relatou assim sobre um banquete oferecido pelo comandante Hermógenes Cabral ao Sr. José Flores, um dos representantes da Sociedad Progresista de Bolívia:

En la noche del 26 de Julio ha obsequiado con un banquete y baile a D. José Flores y demás compañeros, en los que se ha experimentado un entusiasmo general. En el banquete el Capellán de tropas Sr. Ydoyaga había pronunciado un discurso expresándose los benévolos sentimientos del Excelentísimo Señor Presidente de la República para con la boliviana y su gobierno, á lo que el Señor Flores respondió con palabras muy expresivas, diciendo que la República de Bolivia y su gobierno no sabrá con qué lenguaje expresar su gratitud al gobierno paraguayo por el distinguido bien que ha hecho a la abertura de una vía terrestre de aquel punto al de Santo Corazón, y que el vaso de vino que iba a tomar se convertiría en sangre de los bolivianos<sup>12</sup>

---

11 Contrato que regula a atuação da Sociedad Progresista de Bolivia, celebrado em San Rafael de Chiquitos, às três horas da tarde, do dia 26 de maio de 1864.

12 Comunicado do oficial paraguaio Francisco Bareiro a Vicente Barrios, Ministro de Guerra e Marinha do Paraguai. ANA-SH, Vol.344, Nº7-8-9, 1865. Assunção, 10 de agosto de 1865.

Clarifica-se que houve a junção entre necessidade e senso de oportunidade, levando paraguaios e bolivianos à idealização e execução do projeto que viria a estreitar o comércio entre as partes, através do caminho aberto entre Corumbá e Santo Corazón. A Sociedad Progresista de Bolívia operava, em parte, com capital espanhol, personificado na figura de Antonio Victoriano Taboas, cidadão de naturalidade espanhola.

Intrigante atinar para a circulação de dinheiro europeu e até mesmo para a presença de mão-de-obra estrangeira vinda do “velho continente” (caso do topógrafo e explorador francês, Pomiés, por exemplo). Características do liberalismo econômico, encontradas no século XIX, que nos remetem ao avanço do capitalismo nos países em estudo e à embrionária idéia de globalização, tanto no tocante aos serviços quanto aos produtos.

Pomiés, aliás, foi devidamente recompensado pelos trabalhos prestados, recebendo do governo provisório da Bolívia um bom numerário, quinhentos pesos, e mais uma extensão ininterrupta de terras, 12 léguas quadradas (cerca de 43.200 hectares), a serem escolhidas pelo explorador francês, às margens do caminho aberto entre as duas localidades<sup>13</sup>.

Dada a relevância do empreendimento e o alto investimento realizado, causaria estranhamento se as relações contratuais entre os sócios da empresa capitalista ficassem imunes aos conflitos de interesses. E as tensões, realmente, se fizeram presentes, com prejuízos a figura de Antonio Victoriano Taboas, vítima de uma representação movida pelos demais membros da sociedade. Estes o ameaçavam com o desligamento do grupo de investidores, caso não fosse cumprido integralmente o que fora acordado em contrato. Nas palavras usadas pelos litigantes, o empresário espanhol surpreendeu o governo nacional “con falsas y exajeradas promesas ha sacrificado nuestro tiempo y fortuna faltando con los socios capitalistas extranjeros, un buque de vapor y una goleta que se comprometió presentar por su parte para ejecución de la dicha empresa”<sup>14</sup>.

Pressionado, Taboas não teve outra alternativa senão abrir a sociedade para demais interessados. Dessa conjuntura, aproveitou-se D. Domingo Bargas, comerciante bem sucedido de Santa Cruz, que passou, então, a dividir com o empresário espanhol o ônus financeiro da empreitada.

---

13O oficial paraguaio Francisco Bareiro comunicando ao Presidente Francisco Solano Lopez a respeito do conteúdo de um dos impressos que recebera proveniente da Bolívia, que noticiava a concessão de terras ao explorador francês Domingo Pomiés pelos serviços prestados ao governo boliviano. Assunção, 26 de julho de 1866. ANA-SH, Vol. 350, N° 2, Folha. 56.

14Representação dos membros da “Sociedad Progresista de Bolivia” cobrando do seu sócio majoritário, Victorino Antonio Taboas, o cumprimento de cláusulas contratuais. ANA-SH, Vol. 446, N° 1, 1866. Santiago de Chiquitos, 30 de julho de 1866. O “buque de vapor” e a “goleta” mencionadas no documento foram embarcações usadas nas explorações da malha hidrográfica do rio Paraguai.

Somente em janeiro de 1866, quando os trabalhos já estavam em curso, os paraguaios deram publicidade, através da imprensa, às tratativas com vistas a abrir uma via de comunicação com fins comerciais com a Bolívia.

Depois das primeiras incursões, que objetivavam reconhecer o terreno e examinar possibilidades, tiveram início as obras que visavam dar ao caminho condições para receber o tráfego comercial entre Corumbá e Santo Corazón. O capitão guarani Francisco Bareiro, em comunicado enviado ao Ministro da Guerra e Marinha, General Vicente Barrios, datado de 8 de abril de 1866, informava assim sobre o andamento da empreita logística:

En la mañana del 20 había regresado á Santo Corazón el ciudadano boliviano D. Miguel Cecilio Chavez con lo cuatro naturales que le acompañaban ha entregado la una docena de hachas por [ilegível] al pueblo para conducir a [ilegível] de naturales viene abriendo el camino hasta Corumbá. Por súplica del indicado casique ha despachado con el referido Chavez al Subteniente de Infantería ciudadano Luís Gauna con 20 de tropa conduciendo 20 arrobas carne salada para consumo de los trabajadores. Según relación del boliviano D. Domingo Bargas que llegó en Corumbá el 16 ppo., el camino abierto tiene como 18 leguas de internación en el monte y como cincuenta y tantas dichas de distancia desde Santo Corazón hasta Corumbá<sup>15</sup>.

O comunicado, além de fornecer dados técnicos a respeito do caminho, como o da medição do seu traçado – 50 e tantas léguas ou algo em torno de 300 km -, revela a quantidade de carne destinada ao consumo dos trabalhadores, bem como faz referência a uma das ferramentas de que dispuseram para realizar o trabalho. Uma dúzia de machados implica na derrubada de mata, e cerca de 300 kilos (20 arrobas) de carne salgada, representa o consumo presumível de um número considerável de trabalhadores. Na falta de documentação que explicita a quantidade de pessoas envolvidas na abertura do caminho, é possível supor de forma genérica ao considerarmos o consumo humano médio em 300 gramas de carne por pessoa, um contingente aproximado de 1000 indivíduos. O fato de a carne estar salgada pode tanto elevar o número de trabalhadores – nessa condição ela costuma render mais – quanto diminuir um pouco, uma vez que a capacidade de conservação é maior, podendo alimentar a “tropa” por mais tempo. A questão é que um caminho aberto no meio do Chaco (Pantanal), em terreno que, dependendo da época do ano, se torna alagadiço, não é tarefa das mais simples, exigindo esforços consideráveis.

Após meses de exaustivos trabalhos na zona de transição entre o Chaco e a selva tropical, em julho de 1866, o comando paraguaio foi informado sobre o término do empreendimento, que contou com mão-de-obra indígena. Por sinal, a habilidade dos “índios pedestres” em abrir trilhas no meio de matas, da qual se valeram os idealizadores do

---

15 Comunicado expedido por Francisco Bareiro, capitão paraguaio, ao Ministro de Guerra e Marinha, Vicente Barrios, em 8 de abril de 1866. ANA-SH, Vol.347, N°19, Folhas 1-2.

audacioso projeto, foi fundamental para que o mesmo fosse colocado em prática com resultados satisfatórios.

Embora a língua, como elemento cultural, tenha, em princípio, sido a responsável por arregimentar simpatias entre militares e indígenas, as relações de trabalho não ficaram isentas de problemas, revelando, assim, sua faceta pragmática. Os manuscritos revelam as tensões que permearam a empreitada.

Devido à premência de se abrir o caminho o mais rápido possível, o contingente de homens – em sua maioria índios - era submetido a uma jornada de trabalho extremamente penosa. Além disso, as condições de trabalho eram precárias e os salários, baixos, atrasavam constantemente. As autoridades provinciais de Chiquitos escreviam aos sócios da Sociedad Progresista de Bolívia relatando queixas de maus-tratos sofridos pelos trabalhadores e cobrando soluções para os problemas. Todos esses ônus recaíam sobre os sócios capitalistas do empreendimento, conforme disposição em contrato. A precariedade era tanta que os trabalhadores se viram obrigados a usarem suas próprias ferramentas para dar continuidade ao labor, uma vez que não havia a reposição de peças adequada. Diante de tamanhas dificuldades, era elevado o índice de homens que abandonavam o serviço. Deserção que acontecia também nas fileiras do exército paraguaio. Vários foram os soldados que se aproveitaram dos trabalhos logísticos para se refugiarem em território boliviano. Tão recorrente era este comportamento que os contemporâneos da obra apelidaram-na de “caminho dos desertores”.

Santo Corazón constituiu-se, assim, num provedor de mercadorias para as tropas paraguaias estabelecidas em Corumbá. Alimentos (leguminosos em sua maioria), artigos têxteis, pólvora, gado, tinta e papel eram alguns dos produtos que circulavam pelo caminho. Aliás, os militares paraguaios fizeram outras incursões pelo território boliviano, que tinham o caráter de “exercícios militares”. Em meio às refregas com o inimigo, o contingente militar paraguaio, reiteradamente, usufruía do espaço territorial boliviano para realizar movimentos de defesa e ataque. Interessante perceber na documentação em análise menções a respeito da procura por “folhas de coca”, usadas em larga escala nos “hospitais de sangue” paraguaios, provavelmente como analgésico, com o propósito de aliviar as dores dos feridos em batalhas<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup>Informação extraída de ofício sem número expedido por Romualdo Nuñez, oficial paraguaio atuando em Corumbá, ao Comando das Forças paraguaias em Assunção, datado de 08 de outubro de 1867. ANA, CRB, I - 30,17,55.

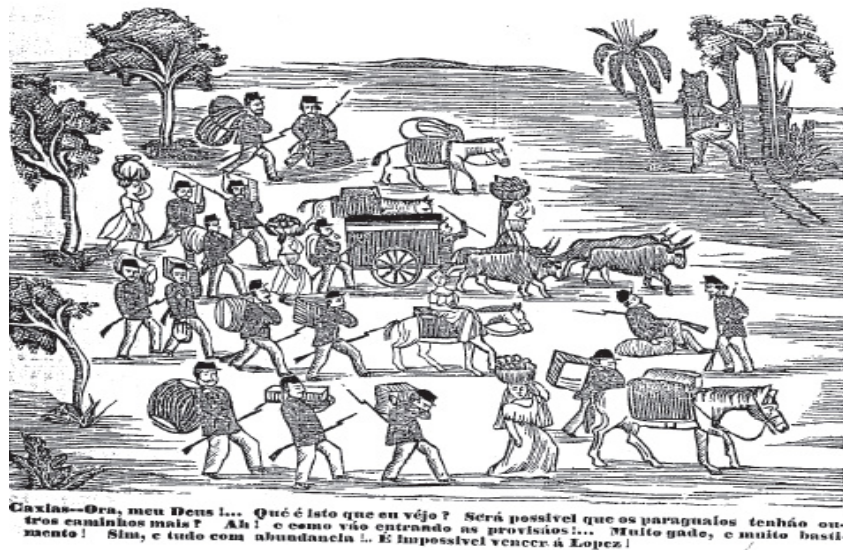
Mais do que mera curiosidade, esses aspectos revelam o quão enriquecedoras são as análises que levam em consideração aspectos como o da cultura material. O uso medicinal das folhas de coca é uma prática indígena que tem ressonância entre os soldados da república guarani, numa evidência de que as sociedades que interagiram nesse tempo e espaço carregavam consigo a cultura de seus antepassados. Práticas que convivem com o discurso “civilizador” difundido pelos mandatários dos Estados, no qual o índio, na visão das elites, era sinônimo de atraso e descompasso com a ordem internacional vigente, do progresso alavancado pela crescente industrialização (ELIAS, 1993).

Mesmo não sendo fartos os recursos advindos de Santo Corazón, o caminho aberto durante a guerra seguia dando impulso à integração fronteiriça e ensejava um incipiente, porém importante movimento mercantil, em momento que o Paraguai sofria um severo bloqueio e graves necessidades. Lembremos que, desde junho de 1865, quando a esquadra brasileira sobrepujou a paraguaia na afamada batalha naval do Riachuelo e passou a controlar os rios da bacia platina até a fronteira com o Paraguai, o exército de Francisco Solano Lopez se encontrava em sérias dificuldades, “quase” isolado.

Pelo caminho chegavam também emigrados políticos bolivianos, opositores do Presidente General Manuel Mariano Melgarejo Valencia e naturais do departamento de Santa Cruz de la Sierra, muitos dos quais empresários e jornalistas, que de Corumbá rumavam para Assunção via Rio Paraguai.

Assim, a obra que foi executada com o apoio do governo central boliviano, também serviu àqueles que, perseguidos pelo mesmo, buscaram refúgio em solo paraguaio. Essa circulação de pessoas, produtos e idéias só foi possível através do emblemático diálogo entre “Caminhos”. Encontro que entrelaçou a rota terrestre - Corumbá à Santo Corazón - ao “caminho das águas” - o Rio Paraguai -; interação que desde a colonização promoveu a ocupação do território pantaneiro, que aqui tratamos como fronteira reconfigurada pela guerra. A importância dessas rotas para o transcurso da guerra foi tamanha que mereceu receber os traços dos hábeis chargistas paraguaios.

**Imagem 2** - O Cabichuí satiriza Caxias e o seu espanto com a chegada de abastecimento ao Paraguai.



**Fonte:** Jornal “Cabichuí”. Quinta-Feira, 19 de dezembro de 1867. Paso Cucu. Año 1. N. 66. Imprensa Nacional do Paraguai. Acervo da Biblioteca Nacional de Assunção (BNA).

A imprensa paraguaia produziu charges em profusão durante o conflito, sendo boa parte delas de cunho anedótico, racista e de exaltação patriótica explícita. Explicadas à luz de um Estado que controlava os meios de comunicação, perseguindo aqueles que se contrapunham ao regime lopista. Nessa perspectiva, dentre as publicações, gozavam de destaque o “Cabichuí” (uma pequena abelha, famosa pelas dores provocadas por suas ferroadas), “Cacique Lambaré” (totalmente escrito em guarani), “El Semanario” e “El Centinela”. O primeiro era, inclusive, distribuído no *front* de batalha com a intenção de “animar para o fogo” o contingente militar guarani. Os soldados brasileiros ao tomarem contato com os impressos em meio às refregas com o inimigo, não escondiam a ojeriza com relação ao conteúdo do material (CERQUEIRA, 1980: 121).

A destacada charge, publicada no jornal “Cabichuí”, traz o olhar estupefacto de Caxias, “El Macaco-Jefe”, para a intensa movimentação de pessoas que, usufruindo de caminhos alternativos, abastecem o “estrangulado” Paraguai de víveres e outros produtos vitais para a manutenção da resistência. Acreditamos ser uma referência clara às vias abertas entre o “Alto Paraguai” e a região oriental da Bolívia, durante o transcurso do conflito.

A pesquisa nos mostra, em realidade, que havia uma obstinada busca por caminhos alternativos que pusessem a Bolívia e, mais precisamente, a sua região oriental na rota do comércio platino. Foi com essa expectativa que as autoridades de Chiquitos, com fundos próprios, resolveram investir na abertura de uma nova rota. Para tal, uma vez mais, foram contratados os serviços do explorador francês Domingo Pomiés, incumbido da missão de colocar em contato direto as populações de Santiago de Chiquitos e Corumbá, abreviando,

assim, o percurso que se fazia desde Santo Corazón. Além de facilitar o trânsito dos comerciantes cruz-serranos, com suas mercadorias, a nova via de comunicação era uma demonstração de que os interesses regionais motivavam os esforços por um comércio efetivo entre bolivianos e paraguaios.

O trabalho, que teve início em agosto de 1866, foi marcado pela meticulosidade com que foi conduzido, especialmente, pelo apuro na medição das distâncias. Sem muitos acidentes geográficos ao longo de seu percurso, em linha reta, a nova rota Santiago-Corumbá foi comemorada com entusiasmo pelas partes envolvidas. A obra era tida como um incremento de grande importância ao comércio realizado entre as duas repúblicas vizinhas. Em um manuscrito, o mercenário francês Domingo Pomiés agradece a colaboração prestada pelo cacique Felipe Montenegro na condução dos indígenas que trabalharam na abertura do novo caminho, prometendo, inclusive, celebrar o feito com uma grande festa quando de seu regresso a Santiago, lugar de onde partira a expedição<sup>17</sup>.

Os negócios, a partir de então, ganharam novo fôlego. Aproximadamente quinhentos negociantes oriundos do oriente boliviano usufruíram da nova rota. Muitos deles expressavam a vontade de seguir rumo à capital Paraguaia, Assunção, “ansiados em conecer sus hermanos y la heroica ciudad de la Asumpcion”<sup>18</sup>.

### Referências Bibliográficas

ARCE, Oscar A. Gaona. *Dos Pueblos, Un Origen, Dos Destinos*. Santa Cruz de la Sierra – Asunción: Editorial El País, 2007.

CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

CERVO, Amado Luiz. *Relações internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas*. Brasília: IBRI, 2001.

CORRÊA, Lúcia Salsa. *História e Fronteira: o Sul de Mato Grosso (1870-1920)*. Campo Grande: UCDB, 1999.

CORRÊA, Valmir Batista. *Corumbá: Terra de Lutas e de Sonhos*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006.

DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo Império Perecerá: Teoria das Relações Internacionais*. Brasília: EDUNB; São Paulo: IOESP, 2000.

---

17Correspondência de Domingo Pomiés para a sub-prefeitura de Chiquitos. Santa Cruz, 12 de janeiro de 1867. ANA-SH, Vol. 445, 1 folha.

18Correspondência do explorador francês Domingo Pomiés ao Comandante do Distrito Militar do Alto Paraguai, Coronel Hermogenes Cabral. Santiago de Chiquitos, 8 de fevereiro de 1867. ANA-SH, Vol. 446, 2 folhas.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, vol. 2.

ELIAS, Norbert. *Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. O Brasil Monárquico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. Tomo II.

\_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JUSTINIANO, Oscar Tonelli. *El Peabirú Chiquitano*. Santa Cruz de la Sierra (Bolívia): Editora El País, 2007.

LANDOWSKI, Eric. *A Sociedade Refletida*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Educ / Pontes, 1992.

LESSA, Antonio Carlos. *História das relações internacionais: a Pax Britânica e o mundo do século XIX*. Petrópolis: Vozes, 2005.

MENEZES, Alfredo da Mota. *Guerra do Paraguai*. Como construímos o conflito. São Paulo: Editora Contexto, 1998.

MARTINS, Estevão Chaves de Rezende. *Relações Internacionais: Cultura e Poder*. Brasília: IBRI, 2002.

MOSQUEIRA, Gustavo Pinto. *Pueblo, Nación y Nacionalismo Camba*. Santa Cruz de la Sierra: Fundación Nova, 2007.

RECKZIEGEL, Ana Luiza Gobbi Setti. *A Diplomacia Marginal: Vinculações políticas entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai (1893-1904)*. Passo Fundo (RS): UPF editora, 1999.

REICHEL, Heloisa Jochims e GUTFREIND, Ieda. *Fronteiras e Guerra no Prata*. São Paulo: Atual, 1995.

TAUNAY, Alfredo D'Escragnolle de. *A Retirada da Laguna - episódio da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Ediouro, 1905.